

Revisão sistemática: a aplicação da literatura de cordel no ensino das disciplinas da área de educação ambiental

Systematic review: the application of cordel literature in the teaching of disciplines in the field of environmental education

Marília Gabriela de Souza Fabri¹
Rodrigo de Sousa Poletto²

Resumo

A educação ambiental é um processo dinâmico e participativo e, por isso, compreender a importância e os seus pressupostos possibilita que a sociedade repense, reconstrua e atribua novos significados ao relacionamento com o meio ambiente. A vida em sociedade também é permeada por inúmeras manifestações artísticas como, por exemplo: a literatura de cordel. Ela oportuniza aos leitores a visão do mundo plural, fato que oportuniza olhar para a sociedade por meio da voz dos poetas. Nesse contexto social, encontram-se a importância da interdisciplinaridade e dos docentes, que possuem a reflexão como componente fundamental para a sua prática. Encontrar e desenvolver mecanismos que colaborem com a prática docente e, conseqüentemente, oportunizem variadas situações de ensino e aprendizagem estão entre os propósitos do professor-pesquisador. Este trabalho, assim, faz uma revisão sistemática da literatura sobre a integração entre dois campos diferentes do conhecimento: literatura de cordel e educação ambiental. Foram mapeados, na área do Ensino, 17.611 artigos, os quais revelaram um conjunto de seis trabalhos que atendiam critérios de inclusão delineados pelos autores. Os referidos trabalhos são apresentados formalmente neste artigo.

Palavras-chave: Educação ambiental; Literatura de cordel; Revisão sistemática.

Abstract

Environmental education is a dynamic and participatory process and, therefore, understanding the importance and its assumptions allows society to rethink, reconstruct and assign new meanings to the relationship with the environment. Life in society is also permeated by numerous artistic manifestations such as, for example, cordel literature. It provides readers with a view of the plural world, a fact that makes it possible to look at society through the voice of poets. In this social context, there is the importance of interdisciplinarity and teachers, who have reflection as a fundamental component for their practice. Finding and developing mechanisms that collaborate with teaching practice and, consequently, provide various teaching and learning situations are among the purposes of the teacher-researcher. This work, therefore, makes a systematic review of the literature on the integration between two different fields of knowledge: cordel literature and environmental education. In the area of Education, 17,611 articles were mapped, which revealed a set of six works that met the inclusion criteria outlined by the authors. These works are formally presented in this article.

Palavras-chave: Environmental education; Cordel literature; Systematic review.

¹ Mestranda em Ensino na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Possui Especialização em Ensino de Línguas pela Universidade Estadual de Londrina, Graduação em Letras Inglês pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho e Graduação em Pedagogia pela Universidade do Norte do Paraná (UENP). E-mail: mariliafabri@gmail.com

² Doutor em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor na Graduação e no Mestrado Profissional em Ensino e no Mestrado em Agronomia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: rodrigopoletto@uenp.edu.br

1. Introdução

A situação de ensino seja formal ou informal exige de educadores e estudantes constante reflexão. Ao educador, cabe refletir constantemente a respeito de sua prática e seu papel como facilitador da aprendizagem. Existem tendências pedagógicas que não defendem mais o ensino vertical, ou seja, professor como detentor do saber e os estudantes um degrau abaixo, apenas para receber a instrução. Essas tendências não defendem também o ensino centrado apenas no conteúdo e indicam que o ensino precisa permitir que os estudantes construam novos significados, diante daquilo que aprendem. Muitos educadores buscam por mecanismos e recursos didáticos que os ajudem a tornar esses objetivos alcançáveis.

[...] se estamos no coração do sistema educacional - seja como alunos, seja como professores - é desse lugar que devemos refletir sobre como aprender e educar para a complexidade do mundo e para a incerteza, que é a marca do nosso tempo. Nossa tarefa é, pois, intransferível. [...] Cabe-nos avaliar como as instituições educacionais têm desempenhado sua missão de educar o cidadão para a vida. (ALMEIDA, 2008, p.135).

Assim, podemos entender que está entre as tarefas dos educadores, refletir, fazer estudos que permitam o avanço e a melhoria do ensino, oferecer mecanismos que colaborem com a prática docente e, conseqüentemente, oportunizem variadas situações de aprendizagem. Os processos de ensino e aprendizagem envolvem dois atores principais, professores e estudantes; os primeiros trazem para esse processo suas experiências de vida, sua formação, suas crenças, seu lado emocional e os segundos chegam à sala de aula também carregados de histórias pessoais, facilidades ou dificuldades de aprendizagem

Diante disto, é importante pensar que não tem como proceder, ensinar sempre da mesma forma, seguir repetidos métodos, visto que cada estudante aprende de forma específica e cada estudante pode ou não ter facilidade com determinados métodos. Laburú, Arruda e Nardi (2003) afirmam que:

A constatação mais imediata que se pode fazer dentro de uma sala de aula é a de não haver uma atividade singular, um método único de ensino que seja bem sucedido com todos os aprendizes [...], de tal

forma que a significância esteja assegurada [...], ou seja, não existem procedimentos metodológicos que satisfaçam a todos os alunos; a aprendizagem é um fenômeno complexo e depende, dentre outros, de fatores psicológicos e sociais que, por sua vez, estão ligados às faixas etárias dos estudantes. Assim, as escolhas metodológicas a serem feitas pelo professor dependem, também, de quem se quer atingir na sala de aula [...] a única solução para esse problema é o uso do procedimento instrucional mais variado possível (LABURÚ; ARRUDA; NARDI, 2003, p. 256-257).

Diante desse contexto, pensando na importância em utilizar variadas formas de ensino, este artigo tem como objetivo apresentar uma revisão sistemática a respeito da integração entre literatura de cordel e educação ambiental.

Essa integração considera o fato de que as habilidades em ler, interpretar e produzir textos não se constituem como tarefas de uma área específica de ensino nem de uma etapa determinada da formação dos estudantes. Criar condições para desenvolver essas habilidades deve fazer parte dos objetivos de ensino de todas as etapas da educação, uma vez que a língua também é um instrumento social. Os gêneros textuais e literários têm fundamental importância na interação social, entretanto, há gêneros que ficam esquecidos nos bancos escolares e não são mais lidos e produzidos depois do Ensino Médio; mas que podem ser aproveitados como recurso didático de ensino também nos cursos de graduação.

2. A educação ambiental

Antes de qualquer definição ou teoria acerca da Educação Ambiental é de grande valia que possamos pensar na relação homem versus natureza, como foi e ainda continua sendo essa relação, uma vez que a partir dela surgiu a Educação Ambiental na sociedade moderna.

Por meio de muitos estudos, é possível identificar que o homem é o único animal que transforma a natureza de maneira consciente, enquanto que as plantas, as outras espécies animais e outras formas de vida se desenvolvem de acordo com as condições oferecidas pela natureza (SILVA; SILVA, 2012).

Dentro dessa relação existem muitas questões, algumas até hoje, sem repostas. Como nos relacionamos com a natureza? O homem aprende em contato com a natureza? Poderá a natureza ser dominada pelo homem? Como essa relação influencia no nosso dia a dia, nossa qualidade de vida? Parecem questões óbvias,

mas será que realmente a sociedade está atenta a essas questões e procura agir de forma que as futuras gerações possam viver em boas condições ambientais? As questões citadas não são próprias apenas do século XXI, em meados da década de 60 iniciaram-se muitos movimentos sociais, dentre eles o ecológico, no qual se começou a discutir as preocupações em relação às ações do homem na natureza (SILVA; SILVA, 2012).

Antes disto, porém, há que se pensar nessa relação através dos tempos, nos primórdios da humanidade, na Antiga Grécia, por exemplo, houve períodos em que o homem considerava a natureza como algo sagrado, havia entre esses dois elementos magia, rituais.

Na Antiguidade, Idade Média e parte da Idade Moderna ainda persistiu esse respeito da humanidade em relação à natureza. Na Grécia, por exemplo, até o século V a.C. os mitos, a religião, a arte eram inspiradas na natureza, e os deuses e as deusas regiam à colheita, ao plantio, e à caça.

A natureza para o homem era algo misterioso, desconhecido, não se tinha o domínio e não se conhecia o que estava por trás dos mistérios da natureza. A mesma era temida e respeitada, considerada algo divino.

Muitos ambientalistas citam como algumas culturas se relacionam de maneira positiva e harmônica com a natureza, entre elas as culturas indígena e oriental. A maneira como cada grupo estabelece contato com a natureza é de suma importância. Para Gonçalves (2006)

[...] toda sociedade, toda cultura, cria, inventa, institui uma determinada teoria do que seja natureza. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens. Constitui um dos pilares através do qual os homens erguem suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim, a sua cultura (GONÇALVES, 2006, p. 23).

O estreitamento entre natureza e homem não aconteceu de forma tão marcante na sociedade ocidental. No mundo ocidental ocorreu de maneira clara esse distanciamento entre o homem e o meio ambiente, pensamento que ainda vigora na sociedade moderna. Sobre este aspecto, Gonçalves (2006) afirma:

O século XIX será o do triunfo desse mundo pragmático, com a ciência e técnica adquirindo, como nunca, um significado central na vida dos homens. A natureza, cada vez mais um objeto a ser possuído e dominado é agora subdividida em física, química e biologia. O homem

em economia, sociologia, antropologia, história, psicologia etc. Qualquer tentativa de pensar o homem e a natureza de uma forma orgânica e integrada torna-se agora mais difícil (GONÇALVES, 2006, p. 34).

A sociedade ocidental moderna inaugurou um novo modo de relação homem versus natureza. A natureza passou a ser vista como um objeto, uma fonte inesgotável de recursos, o homem tornou-se um dominador e os limites dessa parceria são ilimitados. Com o transcorrer da história da humanidade, o avanço da ciência, da tecnologia acabaram "instrumentalizando" o homem para controlar a natureza e, assim, ocorreu a transição do homem contemplador da natureza para aquele que se afastou e começou a entender que não dependia tanto mais dela (GONÇALVES, 2006).

Essa mudança de relação ficou mais forte e mais evidente depois da Revolução Industrial, momento em que se destacou o antropocentrismo, o homem como centro do mundo. A tarefa da natureza poderia, diante disso, propiciar ao homem aquilo que ele necessita e ele perderia sua condição de divindade.

Surgiram, então, os movimentos ambientalistas que Lima (2011) compreende como:

Entendo, assim, que o ambientalismo emergiu e se organizou como uma vontade coletiva – embora diferenciada internamente – de denunciar, protestar, reivindicar mudanças e participar das decisões sobre os processos econômicos, tecnológicos e políticos que produziam impactos ambientais destrutivos sobre os mundos social e natural (LIMA, 2011, p.98).

Genebaldo Freire Dias em sua obra "Pegada Ecológica e Sustentabilidade Humana" destaca, dentre outras questões, a origem dos problemas ambientais globais, como chegamos à situação atual, e as dimensões humanas da crise ambiental que servem de base para redimensionar o presente e procurar construir o futuro com mais consciência e responsabilidade e faz afirmações como:

Patrick Geddes, considerado o "pai" da educação ambiental, também expressou a sua preocupação com os efeitos da Revolução Industrial iniciada em 1779, na Inglaterra, pelo desencadeamento do processo de urbanização e suas consequências para o ambiente natural. O intenso crescimento econômico do pós-Segunda Guerra Mundial acelerou a urbanização e os sintomas da perda de qualidade ambiental começavam a aparecer em diversas partes do mundo (em

1952 o ar densamente poluído de Londres (smog) provocou a morte de 1.600 pessoas) (DIAS, 2013, p. 17-18).

A questão ambiental surge após a 2ª Guerra Mundial, em 1945. Foi um momento de grande crescimento econômico no mundo, chamado pelos historiadores como era de ouro do capitalismo. O ritmo de crescimento econômico era acelerado, em contra partida, problemas ambientais também começavam a surgir, visto que os recursos naturais estavam sendo usados e alterados nesse momento.

Em consequência a tantas mudanças e processos vividos pela sociedade, a década de 60 foi decisiva, um período em que a sociedade passou a questionar alguns valores, começaram aparecer as primeiras discussões ambientais, trazendo questionamentos quanto ao resultado das ações da sociedade industrial que refletiam diretamente na qualidade de vida das pessoas. Gonçalves (2006) afirma que, naquele momento, surgiram muitos questionamentos, principalmente, nos países desenvolvidos quanto ao estilo de vida das pessoas, resultante do desenvolvimento dos modos de produção.

Foi, então, nesse cenário que se destacou o nome de Rachel Carson (1907-1964), escritora norte-americana, quem entregou ao mundo a obra Primavera Silenciosa, em 1962, na qual a autora descreveu com detalhes cenário ambiental daquela época, chamando a atenção para a maneira irresponsável com que os setores produtivos agrediam a natureza, por meio do uso de defensivos agrícolas, desconsiderando as consequências para o meio ambiente. A publicação é considerada um clássico da história do movimento ambiental mundial e foi um importante marco no surgimento da Educação Ambiental, uma vez que provocou inquietações a respeito do assunto. Carson era bióloga, escritora norte-americana que enfrentou os desafios de sua época, principalmente por ser mulher, para declarar a preocupação gerada em seus estudos.

Linda Lear (2013 apud Carson, 2013, p.7), na introdução do livro Primavera Silenciosa, versão digital, afirmou o seguinte:

Quando Carson morreu, menos de um ano e meio mais tarde, na primavera de 1964, aos 56 anos de idade, havia dado partida a uma série de eventos que resultariam na proibição da produção doméstica do DDT e na criação de um movimento popular exigindo a proteção do meio ambiente por meio de regras estaduais e federais. O livro de Carson deu início a uma transformação na relação entre os seres

humanos e o mundo natural, e incitou o despertar da consciência pública ambiental.

Na opinião de Carson, a cultura do pós-guerra da ciência que se arrogava o domínio sobre a natureza era a raiz filosófica do problema. Os seres humanos, insistia ela, não tinham o controle sobre a natureza, mas eram apenas uma de suas partes: a sobrevivência de uma parte dependia da saúde de todas. Ela protestava contra a “contaminação de todo o meio ambiente” com substâncias que se acumulavam nos tecidos das plantas, dos animais e dos seres humanos e tinham o potencial de alterar a estrutura genética dos organismos.

Posteriormente, no Brasil, a Rio 92, reuniu representantes de 170 países, onde discutiram a situação ambiental do mundo e as transformações ocorridas no planeta desde a última Conferência. A partir dessas discussões, tornou-se forte o conceito de Desenvolvimento Sustentável, a necessidade de unir o desenvolvimento e a proteção ao meio ambiente em uma mesma meta. Dias (2013) destaca que foi um momento em que se procurou criar estratégias regionais e globais para efetivas ações no que dizia respeito às questões ambientais. A Rio 92 gerou a Agenda 21 e um Plano de Ações para as Nações considerando o desenvolvimento sustentável.

As bases traçadas na Rio 92 foram relevantes para a criação da lei que regulamenta Educação Ambiental e estabelece as diretrizes para a Educação Ambiental; trata-se da Lei Federal Nº 9.975, sancionada em 27 de abril de 1999 e instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (EA), regulamentada em 25 de junho de 2002, por meio do decreto Nº 4.281. A lei citada traz, dentre outros pontos, a definição e os princípios da Educação Ambiental.

Outro ponto de destaque delineado neste trabalho é a Rio+20, Conferência das Nações Unidas com o objetivo de trabalhar questões de desenvolvimento sustentável. A referida conferência retomou, após 20 anos, diversos temas que foram explorados durante o evento Eco-92 (JACOBI, 2003). Além de discutir questões direcionadas ao meio ambiente, a conferência teve como foco:

- Fortalecer e assegurar o desenvolvimento entre os povos;
- Trabalhar questões inerentes à economia verde.

A conferência contou com a participação de cerca de 180 países, com a presença de governantes ou seus representantes e das principais economias internacionais. O evento contou com a união de diversos países considerando o objetivo de estabelecer a cooperação e, assim, buscar uma sociedade mais justa para todos. Porém, os resultados gerados pela humanidade após o evento demonstraram o contrário.

Diversos países estabeleceram perspectivas de soluções e ações para o desenvolvimento sustentável, entretanto, após a realização da conferência, negligenciaram os acordos firmados. Vários pesquisadores apontam que a crise econômica internacional se caracterizou como fator determinante para a negligência delineada para os referidos acordos.

O contexto apresentado anteriormente proporcionou o desenvolvimento das concepções ligadas à Educação Ambiental, de forma que atualmente ela seja entendida como um processo e não deve ficar restrita ao termo "preservação da natureza", da resolução de problemas ambientais já existentes, está além dessas proposições; é um processo de conscientização que permite aos indivíduos perceber que o exercício da cidadania requer o olhar atento perante as transformações da vida que refletem diretamente no meio ambiente (LOUREIRO, 2004).

Compreender os pressupostos da EA possibilita que a sociedade repense, reconstrua e atribua novos significados ao seu relacionamento com o meio ambiente

3. Literatura de cordel

Estima-se que a literatura de cordel tenha sua origem em um tempo bastante remoto, durante o período medieval, despontando na Península Ibérica. Na Idade Média, já era costume dos povos expressar seus sentimentos em relação à vida, seus feitos, as narrativas heroicas dos cavaleiros, histórias das guerras, por meio de textos orais. Além disso, já era costume dos trovadores envolver o público com suas apresentações, as quais eram permeadas de histórias cantadas, acompanhadas de algum instrumento musical, como a rabeça ou o alaúde (FERNANDES, 2016).

Sendo assim, foi na oralidade, no hábito antigo dos homens em contar histórias que nasceu a literatura de cordel. O cordel é um tipo de arte elaborada para ser cantada, recitada. A partir do momento que a humanidade passou a dominar a

habilidade da escrita, as narrativas orais passaram também a ser registradas por aqueles que dominavam essa habilidade, nascendo, desta forma, os folhetos de cordel. É importante destacar que o cordel teve seu berço nas narrativas orais (FERNANDES, 2016).

Spadafora (2010) afirma que o cordel está ligado à tradição popular de contar histórias da mesma maneira que os mitos, os contos, as fábulas e as lendas. O cordel foi uma literatura difundida em alguns países da Europa, como Portugal, França, Espanha, Alemanha, bem antes de ser conhecida no Brasil.

Luyten (2005 apud Silva 2014) cita a poesia popular francesa, que se destacou na cidade de Troyes, na França, no século XV, como uma das precursoras desse tipo de produção poética. Essas produções receberam o nome de *littérature de colportage*, que significa literatura de mascate e, de acordo, com Silva (2014, p. 22) “[...] faz lembrar a vida nômade dos trovadores medievais que vagueavam por lugarejos e cidades apregoando suas cantigas”.

Entre os séculos XV e XVI foram aproximadamente 1500 títulos de folhetos e almanaques populares publicados. Era um tipo de produção nova para a literatura francesa, uma vez que conseguiu transformar as produções orais em literatura em versos, fato fundamental para o surgimento e aprimoramento dos estilos literários subsequentes, como por exemplo as cantigas trovadorescas. Spadafora (2010, p.41) diz que “havia folhetos em versos como os nossos, e também em prosa ou misto [...] uma literatura volante de forma dirigida ao meio rural”.

Estudiosos no assunto apontam indícios de que o cordel tenha surgido na Península Ibérica como mostra a autora

[...] o folheto de Cordel se origina dos Cancioneiro ibéricos, da Idade Média, e era literatura apreciada na Espanha, nos séculos XVI e XVII, geralmente por pessoas incultas, ainda que alfabetizadas. Desta forma os folhetos apresentavam cópias encurtadas de histórias de aventuras, visto que nem todos compreendiam os textos considerados originais. Muitas vezes, esses folhetos serviam de inspiração para novelas cultas e, além disso, tinham a função de alfabetizar o povo. (SODRÉ, 1978 apud SPADAFORA, 2010, p.41)

Silva (2014) pondera que encontramos, tanto ao longo da história da literatura quanto da humanidade, dois tipos de manifestações poéticas: aquela com rigor gramatical, linguagem erudita; e outra com características mais populares, próxima da oralidade, com linguagem comum ao povo. Assim, para o autor, o cordel resultou da

união destas duas maneiras de escrever poesia; produzia-se algo relativamente novo, mas influenciado pela poesia erudita já existente ou adaptavam-se títulos consagrados, logo, tem-se o motivo de encontrarmos em cordel personagens, histórias, peças teatrais de origem erudita.

A literatura de cordel percorreu um longo caminho até constituir-se como literatura especificamente brasileira. Pesquisadores do assunto não costumam identificar um momento exato ou uma obra específica que tenha dado origem a tal literatura.

Abreu (2011) em sua obra, *Histórias de Cordéis e Folhetos*, faz reflexões acerca da origem da literatura de cordel, estabelecendo um estudo comparativo entre o cordel tanto em Portugal quanto no Brasil. Antes de explicitar o resultado de sua pesquisa, a autora apresenta a visão de alguns autores acerca da origem do cordel brasileiro. Para ela, alguns estudiosos acreditam na relação de dependência entre os cordéis portugueses e os brasileiros, como por exemplo, Mário Souto Maior (s/d) que considera a literatura de cordel brasileira como união da literatura popular ibérica, em verso e prosa, junto às habilidades dos poetas improvisadores do Nordeste.

Mesmo defendendo que o cordel brasileiro teve origem no português, vários autores consideram também que as produções sofreram alterações, adaptações, em contato com o cotidiano brasileiro, além de influências de diversidades culturais vindas de outros lugares.

Entretanto, Abreu (2011) ao confrontar em seus estudos as duas literaturas, portuguesa e brasileira, não defende a influência direta dos cordéis portugueses nas produções brasileiras. Para a autora, a literatura de cordel portuguesa não possuía uniformidade nas produções, não seguia um padrão determinado, surgiu tanto em poesia quanto em prosa. Segundo relatos da mesma autora, as primeiras produções em cordel que se tem registro são algumas peças de Gil Vicente, adaptadas para leitura em cordel.

Os poetas adaptaram várias peças de teatro, diversos gêneros, assuntos para que fossem consumidos por diversas camadas da população. Seria, nesse sentido, considerando afirmações de Abreu (2011), um material de baixo custo com intuito de atingir um grande público. Esses textos apresentavam vários temas como histórias diversas, novelas, farsas, contos fantásticos, notícias, peças teatrais e tantos outros assuntos.

Por conseguinte, muitas dessas produções vieram para o Brasil junto com os colonizadores e foram deixadas no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará; estima-se que aproximadamente 250 títulos chegaram ao Brasil nessa época. Em contato com esta literatura, os poetas nordestinos viram a possibilidade de reprodução. Entretanto, fizeram adaptações, principalmente quanto à forma, visto que os poetas nordestinos tinham rigor e cuidado com as rimas.

O contato com os cordéis portugueses foram fonte de inspiração para os poetas nordestinos e importantes na ampliação do repertório de “[...] situações, temas, personagens, incorporados a uma poética fixa, criada e aperfeiçoada pelos nordestinos” (ABREU, 2011, p. 134). Os cordéis que serviram de inspiração para os poetas nordestinos tinham como tema: feitos heroicos, histórias de animais, narrativas de amor e de sofrimento, aventuras de cavalaria, contos maravilhosos. Contudo, os poetas nordestinos, alguns até sem instrução, semianalfabetos, mas carregados de talento, conferiram ao cordel brasileiro uma forma particular, desenvolvendo uma literatura própria, com musicalidade bem marcada, em um contexto social, político e econômico particular. Literatura que resiste até hoje, permitindo aos leitores contemporâneos encontrar as marcas de sua história também por meio da literatura de cordel.

Abreu (2011) afirma que Agostinho Nunes da Costa, um dos nomes importantes da origem do cordel, viveu na Serra do Teixeira, Paraíba, onde também viviam outros poetas que formaram, junto com ele, o grupo do Teixeira: Romualdo da Costa Manduri, Bernardo Nogueira, Germano da Lagoa, Francisco Romano, Silvino Piruá. Posteriormente, juntaram-se a eles Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas, que apesar de não serem cantadores, passaram a integrar o grupo. Assim, nas vozes desses artistas, a poesia avançou pelo sertão.

O cordel mistura-se à história de vida do povo nordestino, conforme afirma Castro, “[...] nesse sentido o verso do cordel faz sua trajetória no papel marcando as nuances de registros de história de um povo” (CASTRO, 2016, p. 19). O autor enfatiza que a essência dos cordéis está em apresentar as ideias em versos e estrofes, cuidando das métricas e das rimas; aspectos que viabilizam a leitura, tornando o texto agradável de ser lido ou cantado.

4. Os procedimentos da revisão sistemática

A Revisão Sistemática ou RS se caracteriza como uma pesquisa secundária, com o foco em colecionar estudos que possuam alguma semelhança dentro de contexto bem definido. Durante a RS, o autor realiza uma análise quantitativa de um conjunto de trabalhos selecionados com o objetivo de buscar as semelhanças entre eles e o seu tema de pesquisa. Aos caracterizados estudos primários semelhantes, dentro de um critério de qualidade delimitado (por exemplo o fator de impacto de uma determinada revista), a RS é amplamente utilizada no meio científico (KITCHENHAM, 2004).

A RS é delineada durante a vida acadêmica do pesquisador. Ela é feita por meio da coleta de artigos científicos, teses, dissertações, trabalhos de conclusões de curso e artigos científicos, proporcionando ao pesquisador um aprendizado constante. A RS também direciona o pesquisador na análise de trabalhos que possuem semelhanças com o seu tema de pesquisa, auxiliando-o e o orientando em investigações futuras (KITCHENHAM, 2004).

Kitchenham (2004) direciona alguns passos para a execução de uma RS, dentre eles esta seção destaca: definição da pergunta, busca de evidências, seleção dos estudos realizados e análise da qualidade dos estudos. Torna-se pertinente salientar que a RS proposta neste trabalho sofreu algumas adaptações, a seleção dos estudos foi realizada somente em trabalhos de língua portuguesa, pois a literatura de cordel é um gênero literário próprio desta língua.

O primeiro passo para a construção de uma revisão sistemática é a materialização de uma pergunta. A materialização da pergunta necessária para caracterização da RS parte do objetivo do trabalho. A pergunta parte de dois termos chaves do objetivo delineado: literatura de cordel e educação ambiental. Este fato levou os proponentes deste trabalho a configurar a seguinte pergunta: Existem trabalhos relevantes publicados em revistas da área de ensino que utilizam a literatura de cordel? A seleção da área de ensino é alicerçada pelo termo chave educação ambiental. Cabe ressaltar que a educação ambiental neste contexto é caracterizada como uma disciplina em curso regular qualquer.

Kitchenham (2004) deixa claro em seus pressupostos que a busca de evidências passa pela identificação das bases de dados a serem consultadas (passo

2 da RS) e pela configuração das palavras-chaves para realização da pesquisa (passo 3 da RS).

A base de dados utilizada pela proponente deste trabalho foram os periódicos on-line, em língua portuguesa, da área de Ensino (visto que Educação Ambiental enquanto disciplina faz parte do ensino), encontrados na Plataforma Sucupira Qualis-Periódicos, com classificação A1 e A2 (acredita-se que as revisitas com maior fator de impacto estejam classificadas entre estes extratos). O período analisado foi de 2008 a julho de 2019.

Considerando que este assunto é específico da cultura brasileira optou-se por usar como termos de pesquisa apenas “literatura de cordel” e “cordel”, entretanto, o segundo termo não alterava os resultados de cada busca visto que um está intimamente associado ao primeiro.

Kitchenham (2004) norteia a seleção dos estudos realizados em uma RS por meio da criação de critérios de inclusão e exclusão (passo 4 da RS). Estes critérios devem estar intimamente ligados à pergunta que norteia a RS, que neste caso possui a seguinte forma: existem trabalhos relevantes publicados em revistas da área de ensino que utilizam a literatura de cordel?

Diante do fato explicitado no parágrafo anterior, os critérios de inclusão e exclusão foram configurados no seguinte formato:

- Artigos que possuem em seu tema literatura de cordel como instrumento de ensino;
- Artigos que não possuem em seu tema literatura de cordel como instrumento de ensino.

Definido os critérios, os proponentes deste trabalho realizaram a busca na base de dados selecionada, e detectou 17.611 artigos (7.678 - artigos com qualis A1; 9.933 artigos A2). Posteriormente, ao aplicar os critérios selecionou um conjunto de 6 trabalhos que atendiam a inclusão dos mesmos.

Por fim, é importante ressaltar dos 6 artigos selecionados nenhum deles aplicavam o cordel a ensino de educação ambiental. Todos eles utilizam o cordel como instrumento de leitura dentro de contexto de ensino bem definido.

5. Os artigos resultantes da revisão sistemática

Nesta seção, serão apresentados os seis artigos resultantes da revisão sistemática delineada na seção anterior.

Iniciamos a referida apresentação por Souto et. al. (2016). Em seu artigo, os autores salientam que a linguagem simples e envolvente do cordel pode propiciar uma maior interação entre o saber acadêmico e o saber popular. Diante de tal fato, os autores propõem a utilização dos cordéis por alunos de Medicina Veterinária e Engenharia Florestal. Os cursos delineados no trabalho são localizados no semiárido da Paraíba. Os cordéis fomentam a discussão dos danos que o fogo indiscriminado pode causar ao meio ambiente. Os autores propõem que o aluno busque alternativas para discutir, por meio de cordéis, questões inerentes a queimadas controladas. O artigo conclui que a literatura de cordel pode se constituir como um material pedagógico interessante.

O segundo trabalho mapeado na revisão sistemática foi realizado por Rodrigues et. al. (2017) com os alunos do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – Ceará. O trabalho busca analisar, a partir da perspectiva formativa, como a leitura pode interferir diretamente na vida de uma pessoa. Os dados analisados no trabalho foram levantados juntos aos licenciados do curso de pedagogia por ocasião de uma oficina de cordel que tinha como temática a leitura na educação básica e na universidade. Os resultados direcionam que existem nas instituições de educação ensino superior, mais especificamente nas licenciaturas, uma lógica de que há uma leitura ideal e legítima, representada por uma cultura letrada e erudita, baseada na leitura da palavra escrita.

Santos et. al. (2016) buscam evidências na literatura sobre a abordagem de atividades no ensino e aprendizagem de química orgânica. Entre os resultados encontrados pelos autores é possível salientar a importância do uso da literatura de cordel como meio facilitador do ensino-aprendizagem da química orgânica no ensino médio.

Andrade et. al. (2014) inserem a literatura de cordel para trabalhar o tema “Estações de Tratamento de Esgoto” na área de Química. Neste trabalho o cordel é aplicado junto aos alunos como uma forma de expressão sobre o tema. O trabalho foi realizado com 15 alunos. O trabalho conclui que houve um amadurecimento dos alunos em relação ao tema.

Já Oliveira et al. (2008) afirmam que a literatura de cordel, é considerada, pelo povo situado na região norte do Brasil, como uma importante expressão cultural. O trabalho apresenta a coleta de cordéis que caracterizam a importância da saúde da mulher e da criança. Todos os folhetos de cordel foram coletados em praças públicas de Fortaleza. Dos 34 folhetos coletados 20 abordaram temas de saúde e 01 retratou a amamentação. A análise deste cordel revelou que a amamentação é necessária tanto à mãe como ao bebê, promovendo diversos benefícios para ambos.

Por fim, Lima (2013) direciona em seu trabalho a importância de incluir os folhetos de cordel como mecanismo para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem. Em sua análise, o autor, parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, documento proposto pelo governo federal com o objetivo de direcionar a ação pedagógica nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. O autor salienta que a inclusão do cordel na sala de aula possibilita ao professor trabalhar novas habilidades e novos saberes com os alunos, focando a superação de preconceitos de ordem linguística e cultural.

O cordel conta com a facilidade de poder chegar a todas as idades e contextos, é uma arte que carrega a história do povo brasileiro, rica em expressão popular e como afirma Castro (2016, p.48) “[...] capaz de debater sobre cidadania, discriminação, consciência ambiental, ética, questões políticas e sociais, e diversos temas científicos”.

6. Considerações finais

Na Revisão Sistemática da Literatura, detectamos 17.611 artigos (7.678 - artigos com Qualis A1; 9.933 artigos A2). É importante afirmar que a RS foi realizada apenas em periódicos na área do Ensino, em Língua Portuguesa, pois o cordel é uma forma de expressão específica dessa língua. Posteriormente, ao aplicarmos o critério de inclusão (os artigos que concebiam a literatura de cordel como instrumento de ensino), foi revelado um conjunto de seis trabalhos que relacionam o tema literatura de cordel e educação ambiental. Entretanto, dos seis trabalhos encontrados, nenhum deles apresentava o cordel como instrumento de produção textual no contexto da educação ambiental.

Desta forma, realizar estudos que permitam a integração da literatura de cordel e da educação ambiental, dois campos diferentes do conhecimento, pode contribuir com as práticas pedagógicas, auxiliando os docentes na busca por novos caminhos.

Além disso, alguns estudiosos consideram o cordel como um instrumento que permite desenvolver o hábito da leitura, por apresentar musicalidade nas rimas, os temas mais variados possíveis, trazer marcas da cultura nordestina, metáforas diversas. Carmo (2016) ressalta que essas características citadas conferem ao cordel um encantamento capaz de estimular à leitura.

A literatura de cordel foi considerada nesta pesquisa como uma forma de expressão que consegue caminhar por todas as idades, possível de ser lida, sentida e discutida em diferentes áreas do conhecimento. Mas é importante destacar que, ao se propor trabalhos com literatura de cordel, se espera fazer uma apropriação desse gênero e não produzir literatura enquanto expressão de arte, nem comparar as atividades realizadas aos textos produzidos pelos poetas cordelistas.

A relação entre educação ambiental e literatura de cordel busca atingir uma das características da educação ambiental, a transversalidade. Para Marcatto (2002), a educação ambiental pode permear conteúdos, objetivos e orientações didáticas em várias disciplinas do currículo escolar.

Referências

- ABREU, M. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.
- ALMEIDA, M. D. Complexidade e Ecologia das Ideias. In: ALMEIDA, C.; PETRAGLIA, I. (Org.). **Estudos de Complexidade 2**. São Paulo: Xamã, 2008.
- ANDRADE, S.; OLIVEIRA, R.; MELLO, W.; QUEIROZ, G. A Abordagem CTS-Arte nos Estudos das Estações de Tratamento de Esgoto: Uma Prática no Ensino Fundamental. **Revista Praxis**. v.6, n.11, 2014.
- CARMO, S. M. **Literatura de cordel: uma estratégia para construção da prática pedagógica inovadora no 5º ano de uma escola municipal**. 2016. (Mestrado em Ciências da Educação). Universidade da Madeira, Departamento de Ciências da Educação, Mestrado em Ciências da Educação (Inovação Pedagógica).
- CARSON, R. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2013.
- CASTRO, L. **O cordel sem cordão, um folheto em cada mão. Experiências de Leitura com o texto de cordel**. 2016. (Mestrado em Artes). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.
- DIAS, G. F. **Pegada ecológica e sustentabilidade humana**. São Paulo: Gaia, 2013.

- FERNANDES, L. K. **O uso da Literatura de Cordel no Ensino Fundamental (anos finais): proposta de material didático.** 2016. (Mestrado Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UFRN), 2016.
- JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, v.113, p.189-205. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2003.
- KITCHENHAM, B. A. Procedures for Performing Systematic Reviews. **Tech Report TR/SE-0401**. Keele University, 2004.
- LIMA, G. F. C. **Educação Ambiental no Brasil: Formação, identidades e desafios.** Campinas, São Paulo: Papirus, 2011.
- LIMA, S.T. Os PCN e as potencialidades didático-pedagógicas do cordel. **Revista Acta Scientiarum**, v.35, n.1, 2013.
- LOUREIRO, C. F. B. Educar, participar, transformar em educação ambiental. **Revista brasileira de educação ambiental**, n. 1, p. 13-20, nov., 2004.
- LUBURÚ, C. E.; ARRUDA, S. M.; NARDI, R. Pluralismo metodológico no ensino de ciências. **Ciência & Educação**, v.9, n. 2, p. 247-260, 2003.
- MARCATTO, C. **Educação ambiental: conceitos e princípios.** Belo Horizonte: FEAM, 2002.
- OLIVEIRA. P.; REBOUÇAS, C.; FREITAG L. Literatura de cordel como meio de promoção para o aleitamento materno. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v.12, n.2, 2008.
- RODRIGUES, C.; COSTA, E.; LIMA, M.S. Experiências de Universitários com a Leitura: Narrativas em Versos da Literatura de Cordel. **Revista Nuances: Estudos sobre Educação**, v. 28, n. 2, 2017.
- SANTOS, S.; LIMA, C.; ALVES H.; BARROS, K. Abordagem de Atividades Lúdicas no Processo de Ensino-Aprendizagem de Química Orgânica: Uma Revisão Narrativa da Literatura. **Revista Ensino Saúde e Ambiente**, v.9, n.3, 2016.
- SILVA, C. A.; SILVA, L. J. A difícil relação homem x natureza: o caminho da sustentabilidade para um desenvolvimento sustentável. **Revista Educação Ambiental em Ação**, v.10, n.39, março/maio, 2014.
- SILVA, R. J. **Perspectivas do folheto de cordel na sua transposição dos sertões para os centros urbanos.** 2014. (Doutorado em Literatura Comparada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): Porto Alegre, 2014.
- SOUTO, P. SOUSA, A.; SOUTO, J. Saber acadêmico versus saber popular: a literatura de cordel no ensino de práticas agrícolas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.97, n.245, 2016.
- SPADAFORA, S. M. **O cordel em sala de aula: contribuição ao ensino de língua portuguesa.** 2010. (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP): São Paulo, 2010.